



SHOHAM, Liad. *Asylum city: a novel*. Trans. Sara Kitai. New York: Harper, 2014. Publicado originalmente como *Ir Miklat* em Israel por Kinneret Zmora-Bitan em 2013.

A cidade asilo: crimes de guerra e crimes sociais

Julio Jeha*

O movimento migratório de centenas de milhares de africanos e sírios que se arriscam numa travessia do Mediterrâneo, muitas vezes fatal, em busca de abrigo na Europa, torna o enredo de *Asylum city* dolorosamente vívido. Para a multidão de fugitivos de regimes totalitários, principalmente da Eritreia e do Sudão, Israel figura como, se não uma resposta para a sua condição precária, pelo menos um ponto de passagem para países europeus que aceitem acolhê-los. Por certo, o livro de Liad Shoham apresenta uma investigação policial de um crime cujo autor confesso é um eritreu, mas o foco principal da narrativa é a situação que migrantes africanos enfrentam em Tel Aviv, a cidade asilo do título da obra.

A migração ilegal de africanos, que tanto a mídia quanto o governo israelense caracterizam como infiltração árabe, começou na primeira década deste milênio e ultrapassa os 60.000, segundo reportagem do site *The Real News* de 2013, ano de publicação de *Asylum city*. De acordo com o artigo, depois das deportações, no ano anterior, dos imigrantes do Sudão do Sul e do Congo, as pessoas que pediam asilo político eram quase todas da Eritreia e do Sudão. Israel, porém, não prevê a possibilidade de conceder status de refugiado a quem busca asilo, o que cria um limbo legal para aqueles que tentam escapar de massacres promovidos por seus governos.

Nesse pesadelo político se desenvolve a investigação descrita em *Asylum city*, o décimo livro de Liad Shoham. A cidade é Tel Aviv, onde Michal Poleg, uma jovem ativista, se junta como voluntária ao *Office of Migrant Aid*, um órgão de ajuda aos imigrantes. Apesar de esses grupos de expatriados desejarem desesperadamente permanecer no país, nem a população nem vários membros do governo os querem por perto, na narrativa de Shoham. Um membro do Knesset, o parlamento israelense, acusa as diversas agências que ajudam os asilados de serem traidores do próprio país, o que torna as doações cada vez mais raras e, com isso, mais difícil a vida dos africanos no centro financeiro de Israel. Por outro lado, os israelenses tendem, no romance, a ignorar os africanos. “Eles podem se sentar ao seu lado e não o notar”, pondera um jovem eritreu. “Só não os olhe nos olhos ou crie problemas. Senão eles te notam e ficam com



medo. E só acontecem coisas ruins quando eles ficam com medo”. Quando Michal é encontrada morta no seu apartamento, seu envolvimento com os imigrantes parece ser o melhor ponto onde buscar por respostas.

Pela primeira vez, a detetive Anat Nachmias vai liderar as investigações de um homicídio. Decidida a não se deixar intimidar pelo machismo dos colegas, nem a decepcionar seu chefe, ela resolve explorar todas as possibilidades. Quanto mais ela se aprofunda no ativismo da vítima, mais se convence de que a hipótese da polícia está errada. Sua descrença aumenta quando um jovem eritreu confessa o crime. Anat, porém, acredita que Michal, uma mulher de ideias fortes e que via o mundo em preto e branco, se envolvera em algo muito maior – e muito mais perigoso – do que ela conseguiria controlar.

Ao lado de Itai Fisher, o pouco habilidoso chefe de Michal, Anat desce a um submundo amoral, onde vítimas de guerras e criminosos, idealistas e cínicos, organizações de ajuda e sindicatos de criminosos se cruzam e onde predadores exploram os mais fracos implacavelmente. Anat e Itai confirmam que o mundo, ao contrário do que a aguerrida mas ingênua Michal acreditava, não é preto e branco.

O problema da migração ilegal parece ser um problema que aflige só os países mais ricos da Europa, mas tornou-se um fenômeno crônico em Israel. Ainda que os migrantes possam ser, até certo ponto, necessários para a economia, eles podem ser percebidos como uma ameaça à identidade da nação que os recebe. Por isso, seriam considerados como cidadãos de segunda classe, na melhor das hipóteses, ou como inimigos dentro de casa, no pior cenário. No caso de *Asylum city*, a dificuldade maior de assimilação não seria a cor da pele, mas a religião. Assim, no romance, todo judeu que queira migrar para Israel recebe, quase automaticamente, a cidadania, como aconteceu, por exemplo, com os judeus etíopes. Os eritreus, por outro lado, por serem cristãos, devem cumprir outros requisitos para serem admitidos como migrantes.

Se o governo israelense, na trama, não explora os migrantes que pedem asilo, tampouco lhes oferece oportunidades de trabalho. O verdadeiro problema é causado por aqueles que tentam explorá-los, o que leva um dos personagens do romance a comentar, “Nunca vou entender como pessoas que cresceram neste país podem explorar outras pessoas”. Por isso – e para impedir o aumento da criminalidade, pode-se especular – a polícia aconselha o governo a permitir que os migrantes trabalhem. O governo faz que não vê, pois compreende que os empregos que os migrantes estão tomando são aqueles que os israelenses não querem: trabalhos braçais como lavar pratos, varrer ruas e apanhar frutas.

Outro tipo de exploração que *Asylum city* constrói se relaciona a questões logísticas e monetárias. Os beduínos contratados para levar os africanos por



meio do Saara sequestram as mulheres para o tráfico de sexo, mantêm todos reféns até que paguem mais do que o combinado, torturam os homens e estupram muitas das mulheres. Dentro de Israel, como os migrantes não podem abrir conta em banco, existem mafiosos que prestam serviços bancários, guardando dinheiro ou fazendo transferências para as famílias que ficaram na África.

Asylum city parece desmentir, assim, a crença errônea de que a literatura policial funciona como um escape à realidade, pois, no fim da narrativa, o detetive sempre resolveria o caso. Ao retratar um problema internacional que também ocorre em Israel, o romance, e a ficção de crime por extensão, pretende, com sua crítica explícita, delinear a face de um mal radical, isto é, a exploração dos seres humanos por seus semelhantes.

* **Julio Jeha** é Professor Titular na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde coordena o Núcleo de Estudos de Crimes, Pecados e Monstruosidades. Bolsista de produtividade do CNPq e do Programa Pesquisador Mineiro da Fapemig.